

Editorial

Percepta representa o resultado de um esforço da Associação Brasileira de Cognição e Artes Musicais (ABCM), no sentido de oferecer à comunidade acadêmica brasileira e internacional dedicada ao viés cognitivo da pesquisa em Música mais um meio de divulgação dos resultados de suas pesquisas atuais. Tendo em vista as recentes políticas brasileiras de democratização do acesso ao conhecimento científico e de internacionalização da pesquisa acadêmica, visamos com esta publicação atingir, no menor prazo possível, todos os indicadores recomendados por agências de fomento nacionais e órgãos reguladores da comunidade científica internacional. Assim sendo, vimos agora oferecer uma publicação gratuita, de acesso livre, em formato exclusivamente eletrônico, que estará, em breve, disponível nas principais bases de publicações científicas e indexadores. A contribuição regular de autores sediados em países diversos, assim como a colaboração de pesquisadores brasileiros e estrangeiros na composição do conselho editorial de *Percepta*, promove o necessário diálogo em prol da qualidade e da mais rápida disseminação do conhecimento em questão.

Devo agradecer a colaboração dos membros do conselho editorial, notáveis pesquisadores em suas especialidades, que gentilmente e com grande interesse vêm contribuindo decisivamente para que a Revista venha a público com a qualidade que desejamos. Agradeço também as contribuições dos autores que participam desta edição inaugural de *Percepta* pelo pronto interesse que manifestaram em ter seus trabalhos publicados pelo segundo periódico brasileiro dedicado exclusivamente à cognição musical—precedido apenas por *Cognição e Artes Musicais*, periódico impresso também publicado pela ABCM, desde 2006.

A presente edição dispõe um conjunto de artigos fortemente relacionados entre si pelo viés da imaginação. Michel Imberty nos oferece em sua conferência proferida no SIMCAM 13 e aqui publicada em francês e em português uma reflexão original sobre a hipótese do papel da experiência temporal na estruturação tanto de sua própria narrativa quanto no processo de entendimento musical. Para ele, esta “protonarrativa” organiza-se em alternâncias como as de tensão e relaxamento ou de expectativas, surpresas e satisfações, dentre outras formas de apreendê-las. Imberty também investiga os processos cri-

ativos musicais que visaram, ao menos desde Schoenberg, uma libertação dessa “protonarrativa linear”, em obras nas quais o tempo parece não passar ou suas narrativas não parecem ter sentido, contando-nos “novas histórias de intencionalidade”.

Guilherme Bertissolo aborda estratégias para a composição musical à luz de noções da cognição incorporada, especialmente relacionadas a memória, expectativa, gesto e metáfora. A discussão alcança, particularmente, o viés pedagógico, quando o autor observa que o entrelaçamento de composição e teoria cognitiva oferece um notável potencial para o desenvolvimento de estratégias composicionais, contribuindo para o ensino e a teoria do compor. A pesquisa, em andamento, fundamenta-se na articulação de semântica cognitiva e semântica cultural. O artigo de Célio Eyng, por sua vez, enfoca, especificamente, a experiência perceptiva e imaginativa em nossa experiência criativa com a música. O autor investiga as diferentes perspectivas de construção de uma imagética musical no campo das ciências cognitivas. Para isso, ele observa que a imagética musical pode ser abordada na imbricação dos aspectos multimodais com os sentidos pessoais, significados socialmente pelos ouvintes no ato da escuta, quando estão “imaginando musicalmente”.

12

Isadora Casari parte da discussão de princípios básicos da cognição incorporada para abordar o que entende serem potenciais contribuições de uma pesquisa assim fundamentada para a pedagogia da performance musical. Em sua perspectiva teórica, o corpo ocupa lugar central e a autora lembra que categorias e conceitos usados cotidianamente para descrever o mundo são construídos a partir da nossa relação corporal com o ambiente. O outro conceito central na argumentação desenvolvida é o de jogo. Para a autora, a atividade de tocar um instrumento é dinâmica no sentido que apenas um jogo pode ser. Enfim, segundo a autora, trazer o conceito de jogo para a discussão da performance musical destaca os aspectos “criativo, dinâmico, imponderável” dessa atividade, possibilitando a ampliação do entendimento do *performer* sobre seu processo criativo.

Boa leitura!

Marcos Nogueira
Editor